



Viagem ao Brasil Profundo
Valdemar F. Ribeiro

VIAGEM AO BRASIL PROFUNDO

Valdemar F. Ribeiro

HOMENAGENS AO BRASIL NAVEGANTE

VISCONDE DE MAUÁ - SERRA DA MANTIQUEIRA

KATIA CRISTINA MUNIZ & FAMILIA

MARTHA ATTAYDE & FILHOS

GEIZA D´OLIVEIRA

ELIZABETH BERNSTEIN

FÁTIMA MAZZARELLI

VIG OLIVEIRA & PERKS

EDITE MOINO & FAMILIA

NORMA BUHLER

DONA JULITA & FAMILIA

PRECILA GODINHO

AMIGOS ETERNOS DA DATAPREV

LINO MATHEUS

ESCOLINHA DE VISCONDE DE MAUÁ

POVOS DA FLORESTA - XINGU - AMAZONIA



ODE

Brasil, terra que me faz
sonhar amores eternos,
em navego pélagos
e espraiando largo.

Vai marujo solitário
de alma enfunada,
Senhor do Além no olhar
observando o infinito
por detrás dos pensamentos.

Viver é aprender a amar.

01 - Navegando no planeta Brasil

02 - Brasil

03 - Os velhos do restelo

04 - Vila de Conde de além mar

05 - As meninas de minha aldeia

06 - Vida

07 - Peregrino que passas aí

08 - Lua cheia

09 - Eu sou você eternamente

10 - A Casa Rosa no Vale da Grama

11 - Flor de Maio

12 - Deusa de mim

13 - Por quê sofrer?

14 - Na outra margem do oceano

15 - Flor de Maio na serra da Mantiqueira

16 - Princesa menina

17 - Outros amores

18 - Não é importante o nome da flor

19 - Cristal

20 - Não estou infeliz?

21- Uma aventura na Serra da Mantiqueira

22- "Canoa-Quebrada" descobrindo um paraíso no Ceará

23 - Pescadores de Canoa Quebrada

24 - Viagem ao Xingu - Povos da Floresta

25 - O café do aconchego - Brasil

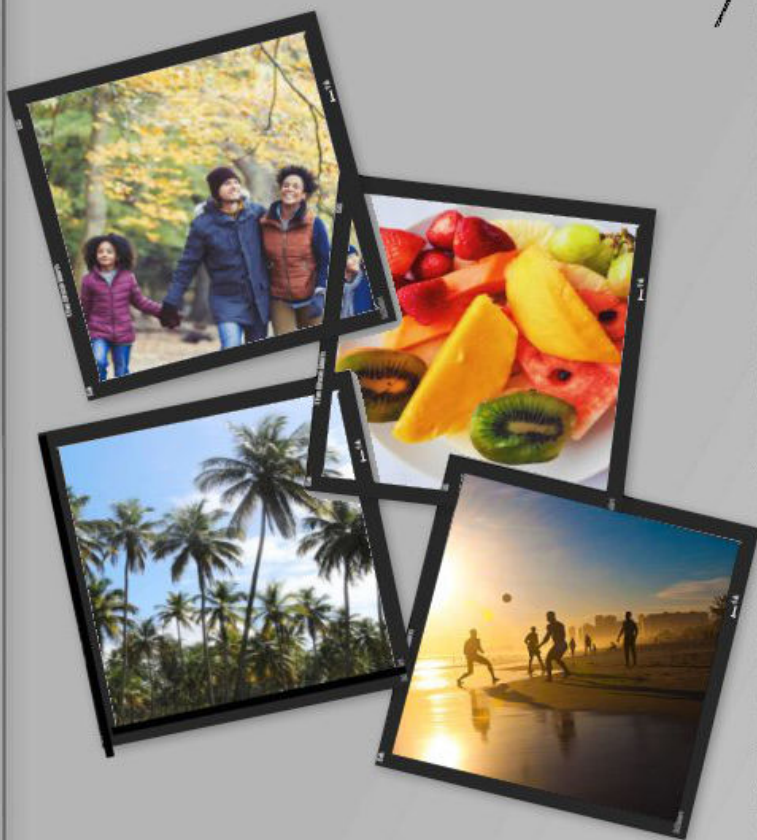


NAVEGANDO NO PLANETA BRASIL

Qual o berço do mundo, tabuleiro de xadrez racial?

Desde o humano índio Guarani e outros até ao mais europeu, africano, asiático e tantos, há uma Arca de Noé nesta nave brasileira.

Que outro espaço possui esta miscigenação humana?



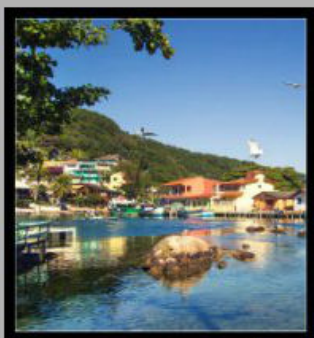
BRASIL

Terra berço de um ameno povo,
que em si espelha amor moreno.
Em suas gentes há um vibrar sereno,
em ondas de mar alto racial novo.

Lugar sagrado em mentes de viajantes
que somos, e muitos outros navegadores
que aqui passam envolvidos nos ardores
desfrutando o abraço dos amantes.

Quem neste mundo ousado mutante
aportou nesta denominada brasileira
viu princesa, rainha, de tropical maneira
em universo pleno vibrando extasiante.

De norte a sul, leste, oeste continental
em cantar alegre saúdam menestréis,
louvando a vida esculpindo com cinzéis
almas que semeiam novo espaço mental.



OS "VELHOS DO RESTELO"

Buscam segurar com rédeas
ventos que sopram velas
transportando contramestres.

Que navegam naus esculpidas
em madeiras de lei plantadas
em berço de jardins à beira-mar.

Marujos de alma enfunada
brisa na mente faz-se tarde
seguinto o conselho do Geraldo*:

"Vem vamos embora
que esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora
não espera acontecer"

* Geraldo Vandré em
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES



VILA DE CONDE DE ALÉM MAR

Semente jogada em verdes campos
de praias e pescadores valentes,
brotou infante, em berço de linho,
em pátria de poetas e navegantes,
de horizontes na alma crescendo
desejos de ilhas e outros amores.

Sem ser pequena a emoção calma,
por mares de brisas contente
do sossego nas águas revoltas,
passageiro da vida à chuva,
descobrimo paisagens reais
neste universo, preciso o olhar.

Em terras de brilhos além cresceu
menino e moço altivo, firmou-se
espírito alado em rosa de ventos,
por matas, rios de africano manto e
tambores vibrando nas noites escuras
em mistérios e encantadas fogueiras.

Livre na mente de um corpo ardente
segue ao mundo arribando terras
de sábios índios da floresta, irmãos,
por selvas de pedra e do sertão,
ao encontro do tempo agora,
neste espaço que jaz, fazendo a hora.



AS MENINAS DA MINHA ALDEIA (*)

As meninas de minha aldeia cantam,
tecem seus bilros nas almofadas,
rendas nos guizos chocalhadas
bailadeiras em sons que encantam.

Desfilam a graça de garças à brisa,
espelham olhos de cores a dançar
no giro do corpo do homem seu par,
voando divinas no gesto desliza.

Tecem morenas os brilhos de minas,
os sonhos serenos de quimeras,
na roupa de linho da primavera
em movimentos de bailarinas.

Cantam as meninas guizos e harmonias,
à varanda da rua na aldeia natal,
no aprumo do porte dama senhorial,
diz de si aos outros suas vitórias.

Moram as meninas de minha aldeia
em casas alvas de cal caiadas,
graciosas no traço de tão alinhadas,
à luz das velas na sua candeia.

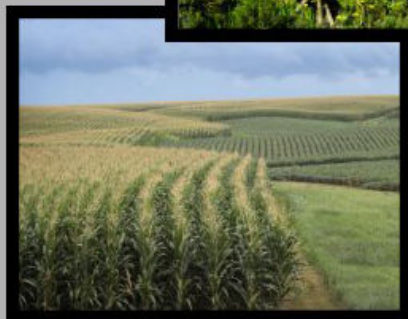
Casas brancas de um povo navegado,
marcos do tempo em outras barcas,
dos que passam deixando marcas
do teto no alicerce fundado.

Alvas figuras de lares singelos,
na paisagem da rua de verdes árvores,
guardam no relógio das eras, amores
o rosto dos que lá moram elos.

Ali bordam tecedeiras,
lembrando o mundo dantes,
o abraço dos navegantes,
aldeia das casas rendeiras.

(*) Touguinha - Vila de Conde - Portugal





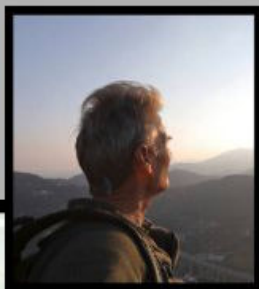
VIDA

És linda no teu sol
aquecendo harmonioso,
em sinfonia de águas,
tempestades dos mares,
pássaros, vacas, ventos...

Vida que aqui estás
de verdades e mentiras.

As folhas no outono morrem
para nascerem na primavera.

Senão, como há vida?



PEREGRINO QUE PASSAS AÍ

Passos peregrinos
levando a mundos,
passos felinos
ou mansos escudos.

Estrelas no céu olhadas
noites de vigília escuras,
estradas sem fim aradas,
sementes jogadas futuras.

Olhar peregrino, penetra
com o vento a passar alado,
levando e trazendo alerta
noticias do mundo amado.

Força de dentro à bolina,
rumos traçados vigora,
enfunar de vela latina,
encontros marcados sem hora.

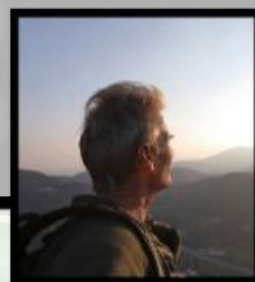
Andar peregrino viajante,
lição cigana presente,
Viver sem possuir amante,
alma sedenta e ardente.

Ser no mundo ascético,
nada levar com garras,
barco leve ser angélico,
em mundo com amarras.

Peregrino que passa sem tempo
ruga que nasce madura,
cabelos grisalhos alento,
na vida presente ventura.

Futuro que é agora,
passado sem ser ausente,
mensagem que chega aurora,
menino que escuta contente.

Deixai seguir fidalgo,
peregrino que é vidente,
humano que se quer algo,
vida que é crescente.





LUA CHEIA

Ser um reflexo de ti
e extasia
tu que és
o reflexo do sol

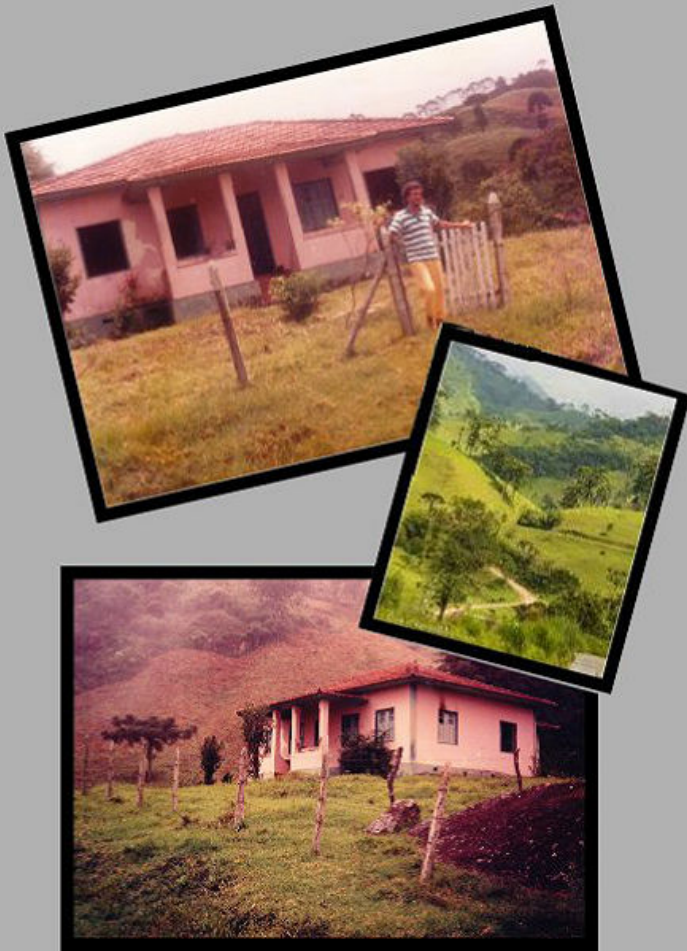
Bela te mostras
em noites de lua cheia
Iluminando o vazio etéreo,
suave e docemente
em encantos sedutores
que a todos possuem.

Em noite de lua nova
tímida e gentil
na delicadeza de ser
te retiras discretamente
e depois brilhas esplendorosa
àqueles que te percebem,
enamorados no ato sublime
de viver em criação.



EU SOU VOCÊ ETERNAMENTE - MAUÁ

Te amo
Como a terra ama a chuva,
e quando o rio Preto passar
e nele refletindo
descobrir o céu,
saiba que sou
em ti.



A CASA "ROSA" NO VALE DA GRAMA

VISCONDE DE MAUÁ - BRASIL

Esta casa de fazenda localiza-se no Vale da Grama, na região de Visconde de Mauá, na bela Serra da Mantiqueira no Brasil e junto à casa, ao lado, brota uma bela mina de água pura e cristalina que percorre o terreno e forma um ribeiro em pequenas cascatas e lagos transparentes, piscinas do Olimpo convidando Deuses enamorados a banharem-se felizes naquele pequeno paraíso discreto que poucos têm o privilégio de desfrutar.

Por detrás da casa ao redor do terreno existem serras altas e nos seus cumes florescem centenas de Araucárias de onde brotam frutos denominados pinhões e nos galhos de suas copas, em leque, moram em casinhas de barro pássaros chamados "joão-de-barro" vivendo em casais que passam o dia a cantar e brincar.

"FLOR DE MAIO", num domingo à tarde, veio visitar-me na Casa Rosa presenteando-me com sua bela presença de princesa e o entardecer refletia a luz do sol energizando o ambiente.

Meu cavalo "Mô Amigo" pasta ali ao lado em seu porte glamoroso, altivo em seu viver, seu pelo castanho escovado brilha em variados tons e sua imagem forte desliza naquela hora sem tempo.

Questionávamos, eu e "Flor de Maio", o por quê dos seres humanos não conseguem viver sem o sentimento de posse, sem o sentimento de egoísmo.

Quando não existe posse numa relação penetra-se em sua essência pois há liberdade.

Por que os seres humanos não podem caminhar juntos mas sem haver um sentimento de posse, numa relação verdadeiramente livre de amarras, correntes e ciúmes?

A beleza do viver reside num caminhar sempre novo aberto ao desconhecido que é a vida.

Viajamos mentalmente ali tranquilos, sem palavras, nos espelhos do olhar refletindo o brilho que emana de nossas vidas ali, iluminavam-se os momentos delicadamente, sentindo-se o palpitar do coração no sussurro do respirar intenso e natural, ao sabor do cantar dos pássaros "João-de- Barros", "Bem-te-vis", "Anus" pretos e brancos, do mugido do gado no vento a passar...

Saboreando as horas naquele planeta de serras ao redor, donos do mundo, peregrinos, livres de âncoras, sentia-se a vida em explosão na bela tarde de domingo de verão.

A "Casa Rosa" fica localizada num platô rodeado de serras cobertas de Araucárias, com pastos e nascentes de águas cristalinas formando riachos com pequenas cachoeiras e piscinas.

Há uma pequena floresta de árvores ancestrais e ali moram uma infinidade de animais tais como aves e pássaros diversos, esquilos, gambás, grilos, papagaios, tico-ticos, sapos, borboletas, corujas, etc., à noite os vaga-lumes iluminavam os céus e os campos estão semeados de frutos silvestres framboesas e variadas flores.

O clima é bastante ameno, oscila nos vinte graus centígrados anualmente e no inverno faz algum frio delicioso, no verão chove bastante regando a terra e florescendo o campo de vida.

No verão o clima convida a dormir com as janelas dos quartos abertas e em noites de lua cheia o luar penetra etéreo no quarto energizando a alma e o corpo.

Em noites de lua nova, tímida, não aparece no firmamento e os vaga-lumes aos milhares iluminam o céu ao redor da casa com sua luz intermitente, confundindo quem os observa e criando a ilusão de estrelas cadentes a caírem na terra resplandecendo a noite escura.

Em dias de chuva no verão, à tarde, aparecem arco-iris coroando a terra com seus arcos refletindo o colorido da luz.

Perto da Casa Rosa, à frente da porta principal, a uns setenta metros, há um grupo de árvores que formam claramente as figuras de três animais, uma lebre, uma águia e uma coruja.

Subindo a serra por detrás da Casa Rosa existe um caminho natural esculpido pelas águas das chuvas e esse caminho leva diretamente a uma árvore ancestral denominada Figueira, com talvez mais de duzentos anos, exatamente ao centro de um platô.

A copa desta Figueira tem uns quarenta metros de diâmetro, uns vinte metros de altura e ao redor do tronco existem alguns espaços em forma de poltronas esculpidas que protegem das chuvas fortes quem ali estiver sentado.

Seus galhos são enfeitados com rendados finos de fios de muitas idades trançados pelos ventos e são necessárias umas seis pessoas para abraçar esta árvore e daquele platô vislumbra-se toda a região, sendo aquele um lugar mágico.

Eu costumava levar os alunos da Escolinha de Visconde de Mauá àquela Figueira para aprenderem e desfrutarem da energia e magia do lugar e sentirem a vida sagrada.

Um dia, naquele platô junto à Figueira sagrada estava eu a contemplar a vida quando a chuva chegou forte trazendo relâmpagos e trovões e me obrigou a proteger sob a copa da árvore e ali sentei-me numa das poltronas do tronco onde a chuva não molhava e os raios imensos caíam ao redor rasgando os céus com sua energia.

Havia ali a sensação de se viajar numa nave espacial e aquele lugar era a cabine de comando rasgando o espaço.

Um dos relâmpagos caiu muito perto da árvore, bastante forte, e com o susto fugi para o descampado.

Após alguns minutos, refeito do susto e da emoção, a chuva ainda a molhar, questionei-me:

Se esta árvore na sabedoria de sua idade avançada sobreviveu a tantos relâmpagos porquê eu não estaria ali protegido?

Acalmando o bater do coração, voltei para debaixo da Figueira e sentei-me novamente, sereno observando a chuva a cair e as andorinhas voando em acrobacias perfeitas despedindo-se da tarde e a brisa transportando o cheiro silvestre da terra saciada e brotou em mim Fernando Pessoa:

Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos
sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
É comer um fruto e saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto
E me deito ao comprido na erva
E fecho os olhos quentes
Sinto todo o meu corpo
Deitado na realidade;

Sei a (uma) verdade e sou feliz.



"Flor de Maio" me ensinou a olhar as flores, a tocá-las sentindo-as suavemente na sua delicada fragilidade e na força de sua beleza. Aprendi com ela, a sentir o odor de cada pétala, aprendi a libertar-me do sentimento de posse que muitas vezes nos possui sendo assim possível absorver a essência de cada pétala.

Com ela, senti o aroma da brisa perfumada trazendo as frescas nuvens chuvosas a saciarem as sementes, a nascerem e sinto o brilho de seu olhar enamorado a brotar discretas lágrimas salgadas e eu, privilegiado, suavemente secando-as com meus lábios sedentos...



DEUSA DE MIM

Verdes matas da terra de minha amada
nas estradas do céu nas montanhas,
sons de águas nos rios em cachoeiras,
véu de lua, noiva em cascatas de neve.

Verde menina que em mim revives
e que em ti sou, o que ontem fomos,
planta teu amor-perfeito no vaso
da varanda à janela de nosso quarto.

Rega de chuva e sol a flor em tua mente,
na primavera alegre do cheirinho de Jasmim,
para quando eu for teu amor-primeiro,
na aldeia de minha casa de Arlequim.

Vento que trazes o perfume de minha amada,
vem de ti e dá-me o que nela enfeita,
o aroma de jardim no alecrim de seu quintal,
nas nuvens do abraço a envolver este lugar.



POR QUÊ SOFRER?

Sei "Flor de Maio"

que a tua serena e amada energia
É vivenciada em cristalino ser.

Por isso, amantes em noite de lua cheia
venho sorrateiramente te beijar no cio.
E sussurrar ao ouvido em sopro de aragem
sentindo-te profundamente em meu peito.

És a fêmea mais linda que me amou em * mente *
e se apaixonou bela e altiva em meus * abraços *
Repletos de carinhos jorrados em cascatas de * beijos *
Rebeldes atrevidos amorosos sensuais teimosos * felizes *
Viventes suaves profundos aguerridos samurais * deuses *

Venho dizer que não vale a pena sofrer,
vale, é sentir o rodeio a girar solto no espaço.
Sem tempo nem hora, é nunca vir ou partir
pois a vida é isso, é nunca chegar ou sair.

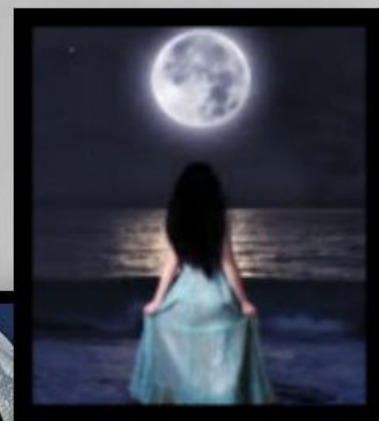
É sempre ser !

É não sofrer mas aprender por vezes demora.
E sei que a linda primavera de Jasmim
que você é, e sinto profundamente o perfume,
não deverá a partir de agora chorar
mas apenas sentir consciente ao redor.

Só os fortes sobrevivem nesta labuta
em que o dia a dia torna a vida de todos.
É necessário estatura de alma e visão
nascida da reflexão intensa e profunda.

Adultos crescidos e maduros ao sol e vento,
sabemos quem somos no passado e no futuro,
a nenhum lugar temos de ir pois já aqui somos.

Por quê sofrer?
Vamos é continuar o amor que nos une.





NA OUTRA MARGEM DO OCEANO

Brota princesa em mim sereno.

Sinto teu sussurro em minha mente,
teu aroma em meu olfato apurado.
Desejo teu abraço em sorrisos doces,
espelhos serenos de cintilante alma.

Ruído e poeira lá fora, sinto na rua
a vida que perdura no tempo agora.
E alonga neste momento no compasso,
já almejo a outra margem do Atlântico.

Paragens longínquas em que aqui sou,
mas sigo confiante nos bordos a dar.
Os ventos geram também tempestades
mas amainam a minha sedente ânsia.

Estende tua mão e me envolve
em teu suave cântico, vibrando
nesta África do mesmo oceano
neste instante calmo da tarde.

Diz-me, princesa, as horas
no teu relógio solar.
Dá a distância do sol
neste horizonte de mim.

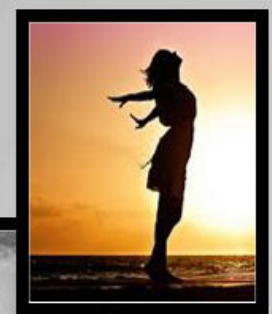
Quero aí chegar docemente
e sereno em minha presença.
Quero iluminar meus olhos
no brilho de teu olhar.

Vamos caminhar na relva do jardim,
sentir as pedras musgadas do Rio Preto,
molhar os lábios no mel de teu enxame
e brincar nos braços do Jimmy e Sandy.

Vamos cavalgar nos vales da Mantiqueira
e plantar árvores de muitas cores,
colher frutos maduros no pomar
preparar os filhos, sementes do lar.

Iremos sentar no tronco das árvores
iluminando a fogueira de lua acesa,
assar a batata doce e o milho verde,
sentindo teu corpo suave nos abraços.

Adormece meu peito em tua mente,
acalma a ânsia de meu querer chegar,
limpa meu rosto de suor molhado,
acende a luz da candeia do lar.





"FLOR DE MAIO" - SERRA DA MANTIQUEIRA

Quero ver o meu amor
sorrir e olhar profundo,
o corpo em riste espadachim.

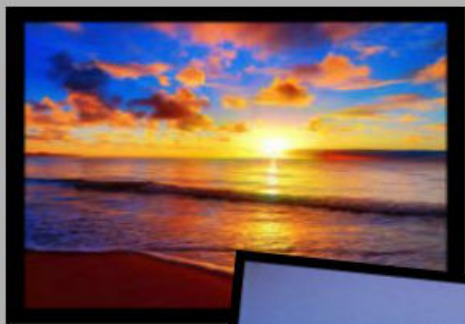
Estrela desta galáxia
vive a bailar aos pares,
em cristalinos risos.

Molham nuvens a terra ardente,
desce em mim menina a semear
com ardor meu andar sozinho
nas montanhas de meu viver.
Quero ver com teu olhar
nas asas do sonho voar.

Serena amor o tempo a vibrar,
a distância amadurece o pensar,
aurora de um sol a brilhar.

Cintilando envolve meus braços,
meu corpo pede o teu calor
e o colo de teu aconchego.

Deixa-me sentir o coração
bater teu querer por mim
na distância de meu viver.



PRINCESA MENINA

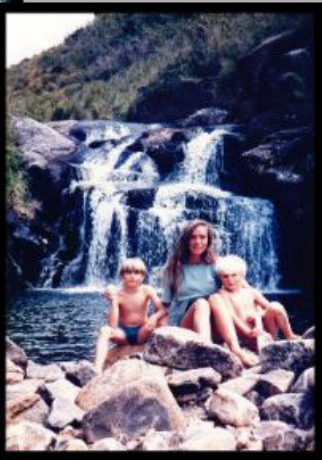
Quero ver com teu vislumbre
as belezas que meu olhar alcança,
nas montanhas e praias desta África,
neste lado do oceano que nos une.

Anseio o dia de tua vinda
à terra de mistérios exóticos,
de tambores à noite ecoando,
mensagens por terras sem fim.

Quero ver teu caminhar no horizonte,
nestas paisagens que o sol constrói
colorindo com fogo o céu imenso
desenhando savanas e Imbondeiros.

E ao nascer das nuvens, a lua cheia
prateada pela estrela que no acaso vai,
quero dentro de ti te abraçar
e em teu corpo semear o meu amor.

Vem princesa menina, não hesites.



OUTROS AMORES

E vinha subindo a serra
de bicicleta ou a pé,
agitada ao vento e ao sol,
bela em seu peito arfando,
abraçava e sorria princesa.

Oras em momentos sem fim,
viagens no seu olhar
espelhos de sua mente.

Às vezes chorava,
e eu abraçava bem forte
seu corpo esbelto,
e sua celeste figura
a lua coroava,
sua morada de luz.

Era tão lindo escutar,
vivia palpitando,
e se ia serra abaixo
ao encontro de outros amores...

Os filhos



NÃO É IMPORTANTE O NOME DA FLOR

O sol se vai e
ainda aquece.
Olhando à volta
por detrás de tudo
existe algo?

Se existir é pensamento,
como tal humano é, real?

Real é a verdade e a mentira,
a guerra e o nacionalismo egoísta
fronteiras criadas pelo pensamento.

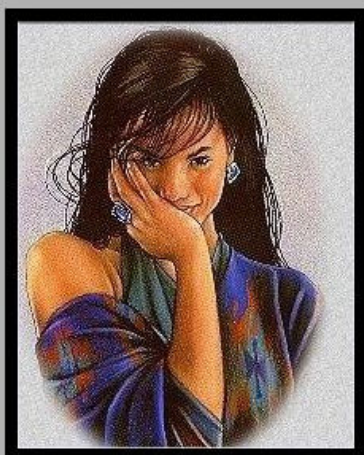
Quando o humano natural
ou a criança olham,
vê a vaca,
vê o menino subindo no burro,
vê o homem que semeia o campo,
vê o passarinho, a formiga, o cavalo.

Vê o ser humano por fora,
reflexo de dentro.

A vaca é a vaca apenas,
o passarinho é o passarinho,
não importa o nome, nem a raça
nem o dia em que nasce ou morre.
Não importa o pai ou a mãe,
não importa quem é.

É o passarinho com seu cantar
sereno e cristalino!

E quando a vida é isso,
cada um apenas é,
existe uma ordem perfeita,
tudo é, nem foi nem será.



RAINHA

Uma flor não sabe
por que é bela,
apenas é.

E és delicada flor
neste jardim natural
em que foste semeada.

Exalas suave perfume
que inebria e encanta
na delicadeza de ser.

Contigo aprendi a vislumbrar
o verde do Vale da Gramma
nas altas montanhas de Mauá.

Aprendi a sentir o odor perfumado dos eucaliptos
nas brisas da "Vila da Maromba".

Mergulhei e te amei
nas cascatas das águas
cristalinas do Rio Preto.

Saboreei o nascer da noite
no entardecer musical
dos "Bem-te-vis" e "Beija-flores".

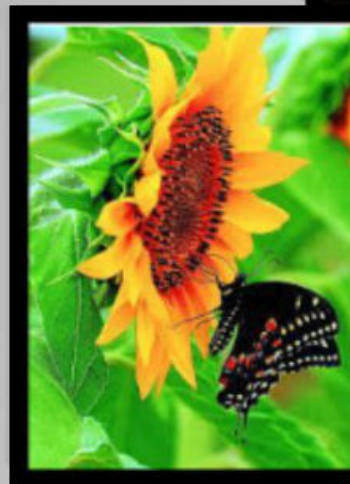
Senti as noites inebriantes
na tua companhia, amantes
na eterna pousada "Tiatiaim".

Escutei o cântico da coruja
nas noites de lua nova
iluminadas pelos pirlampos.

Contigo apreendi
a descobrir cristais
no reflexo do orvalho,
nos dias de imensa luz
após a chuva da noite,
em manhãs de muito sol.

Refletimos a luz etérea
das noites encantadas
em companhia da lua cheia.

É um encontro sereno, apaixonado, eterno.





NÃO ESTOU INFELIZ?

Aqui estou só, sentado à beira-mar,
protegido do vento em tarde de sol
refletindo a luz do entardecer.
Os sons suavizando a noite
no silêncio a nascer...

Pequenos barcos vão ao mar e longe
lançam âncoras, linhas e redes,
da terra as puxam buscando alimento
farto para quem amanhã acordar.

O aroma salgado na brisa a passar,
arrefece a tarde convida agasalhar.
Aquecido saboreio o horizonte azulado
calmo e as areias molhadas beijadas
fundindo-se ao longe, o céu e o mar.

Um aglomerado humano se junta na praia,
em expetativas curiosas, olhando
as redes dos pescadores a chegarem.
E que venham cheias de alimento torcem.

A multidão se afasta ficando alguns poucos
e faço-me uma pergunta pela negativa:
Neste instante aqui não sou feliz?

A resposta é : Estou aqui em paz,
estou tranquilo, em equilíbrio,
não estou infeliz.

É quanto me basta e sigo contente.



UMA AVENTURA NA "SERRA DA MANTIQUEIRA - BRASIL

"O mal serve sempre de lição para o bem"

Ali, na pousada "Tiatiaim", no interior da Serra da Mantiqueira, região de Visconde de Mauá, à beira do Rio Preto, de águas cristalinas e natureza exuberante, este marujo navegava em dias maravilhosos e refletia sobre o rumo de sua vida.

Não queria mais continuar morando na ainda bela cidade do Rio de Janeiro devido aos grandes conflitos e desequilíbrios urbanos violentos.

Sentia dentro de si, por instinto, extrema necessidade psicológica de buscar novo espaço geográfico e social mais alternativo e equilibrado.

Após algum tempo de reflexão, este marujo decidiu mudar sua vida para a região de Visconde de Mauá e como é formado em Economia, ofereceu-se para lecionar voluntariamente na principal escola estadual de nível secundário da região e assim poder colaborar socialmente.

Nesta região da Serra da Mantiqueira já se sentiam alguns efeitos da destruição ambiental, mas também já se notava a vinda de pessoas interessantes de outras regiões do Brasil em busca de espaços alternativos e querendo construir novas opções de vida.

Mudar uma vida normal e rotineira adaptada à cidade grande, muitas vezes com uma família constituída é uma decisão difícil implicando riscos econômicos, sociais e psicológicos e é necessário uma personalidade forte, ousada, equilibrada e realista para executar com sucesso tal tarefa, de maneira consciente.

Estas mudanças de vida, aonde se abandonam os confortos de uma vida estabelecida na cidade grande, pelos desafios de um novo viver em novos espaços geográficos, exigem uma personalidade mais ousada nem sempre compreendida.

Este marujo, sentia que já tinha aprendido o bastante na cidade grande e necessitava de experimentar nova forma de viver e por isso mudou-se para a região de Visconde de Mauá, nas montanhas da Mantiqueira, lugar especial e desafiante para experiências de vidas alternativas.

Transformar o mundo não é querer transformar os outros, não é modificar o comportamento dos outros humanos, mas sim, haver uma auto transformação individual real e profunda, em cada um, pois implicitamente há uma transformação no mundo real ao redor.

Mentalmente organizado e decidido a novas mudanças psicológicas e físicas, este marujo saboreava os últimos dias das férias naquela região sabendo que teria de voltar ao Rio de Janeiro, pedir demissão na empresa pública de informática DATAPREV aonde trabalhava há vários anos, tinha 32 anos de idade, e em seguida iria instalar-se na região de Visconde de Mauá exercendo a profissão de professor voluntário.

Aqueles últimos dias de férias eram desfrutados intensamente no aconchego caloroso e meigo dos donos da pousada "Tiatiaim", aonde o António, moço simples da terra, era o responsável pela pousada e oferecia seus serviços gentilmente a quem ali repousava das lides.

Para mim não era importante o tempo que iria morar naquela região bela, pois a vida é quem diria.

No último domingo das férias, este marujo iniciou um passeio embrenhando-se pelas matas da região, às onze horas da manhã, com uma pequena lanterna no bolso e um leve agasalho, calçando botas de borracha, um cajado na mão e começou a caminhar subindo uma trilha paralela ao Rio Preto que levava em direção à nascente desse rio localizada no quarto pico mais alto do Brasil, Pico das Agulhas Negras.

Subindo pela trilha, foi descobrindo vales enormes e profundos aonde a natureza se mantinha ainda original e pura e nos quais viviam alguns raros e interessantes seres humanos, espíritos muito fortes, que conseguiam sobreviver naqueles espaços desafiantes.

Subindo o rio, viam-se florestas, cachoeiras, uma enorme variedade de pássaros, nuvens enormes cobriam de repente os vales e desapareciam rapidamente, voltando depois a escondê-los como se brincassem e bailassem.

Empolgado com tudo o que vislumbrava e descobria, este marujo só parou de andar em direção à nascente às dezesseis horas e só após uma chuva que veio de repente saciar a terra e foi-se rapidamente matreira.

Molhado, decidiu retornar pela mesma trilha que ali o levava apesar da enorme vontade de continuar o caminho de subida.

Ao voltar encontrou uma nova trilha que parecia levar ao mesmo ponto de partida e curioso decidiu seguir por ela.

Como o sol já ia alto e o retorno estava demorando mais do que o previsto, abandonou esta nova trilha e tentou encontrar a primeira trilha guiando-se pelo sol.

Despreocupado enquanto subia, pois não imaginou que se podia perder, não tinha observado corretamente o rumo do sol ao iniciar a caminhada mas apesar disso tentou fazer cálculos para encontrar o caminho certo de retorno à pousada.

Eram dezanove horas e o sol já tinha ido embora quando constatou que estava perdido no meio daquela floresta.

Acendeu a pequena lanterna e foi seguindo pela floresta, atento a algum som ou luz que o ajudasse a sair dali mas não encontrou nenhum auxílio.

Entretanto, tinha saído do meio da floresta e estava em área mais descampada mas precisava de andar com muita cautela e lentamente.

Eram vinte e uma horas quando encontrou um pequeno curral de bois no meio daquele mato, com um bezerro dentro, sinal de seres humanos e isso o tranquilizou um pouco e adquiriu mais disposição mental.

Era uma noite de inverno, mês de Julho, o céu limpo de nuvens, escuro, bem escuro por ser noite de lua nova e bastante estrelado, mais ainda por estar no alto da serra muito longe das luzes urbanas.

Visionava-se um mar fantástico de estrelas, o tempo estava muito frio e seco, o agasalho que trouxera era leve e pouco aquecia o corpo, os pés estavam doloridos e ligeiramente feridos devido a ter andado com botas molhadas pela chuva e suor em terrenos pedregosos e desnivelados, estava cansado e com fome.

O curral era pequeno mas tinha telhado, era aberto nas laterais e se a dificuldade fosse a chuva estaria protegido, mas no inverno chove pouco naquela região mas faz muito frio.

Viu uma tábua comprida e estreita no interior do telhado e erguendo-se com as mãos ajeitou-se por cima daquela tábua, ao comprido e de lado pois de costas não era possível devido à pouca largura da mesma e tentou descansar um pouco.

Quinze minutos decorridos, desistiu de ali continuar pois o frio aumentava bastante e congelava o corpo e só seria possível suportar aquele frio se aumentasse a circulação do sangue e para isso teria de movimentar o corpo, andar ou pular.

Decidiu andar orientado pelo instinto e pela lanterna com pilhas já um pouco fracas.

Despediu-se do bezerro, cajado na mão, lentamente foi subindo o caminho pois lá no alto talvez ficasse mais protegido dos animais, principalmente onças ou cobras que existem ali pois na Serra da Mantiqueira existiam onças em regiões mais inóspitas.

A ideia era subir ao ponto mais alto, encostar em alguma árvore de maneira a proteger as costas e tentar suportar o frio, a fome e as feridas nos pés e sabia que onças costumam atacar pelas costas.

Não resistindo ao cansaço, empoleirou-se numa das árvores que encontrou no caminho, acomodou-se o melhor possível tentando dormir um pouco mas o frio era tanto que dez minutos após desistiu e desceu voltando a caminhar sem rumo, lentamente.

Neste percurso encontrou alguns bois e vacas que pernoitavam naquele território e os animais assustaram-se possivelmente com a luz da lanterna, confundindo-a com o olhar de alguma onça e instintivamente fugiram em disparada mas um deles,

talvez o líder da manada, resolveu enfrentar aquele animal humano estranho ali: - bufando e mugindo e com as patas dianteiras escavando o solo em preparação de ataque como um touro, claramente estava pronto para atacar.

Reagindo instintivamente, este marujo em vez de mostrar receio procurou não se amedrontar e focou a lanterna nos olhos do animal perturbando-o com a luz durante alguns momentos.

Percebendo que o animal estava encandeado, rapidamente apagou a lanterna e muito ligeiro esgueirou-se dali sem ruído deixando o animal indeciso e entretanto o touro fugiu desorientado e correu em sentido contrário.

Refeito do susto, continuou o percurso apoiado em seu cajado mas cada vez mais era-lhe difícil caminhar.

Eram vinte e três horas quando chegou a um lugar supostamente o mais alto dali e encontrou uma Araucária e como não tinha mais nenhuma alternativa, decidiu pernoitar ali até ao nascer do dia.

Por precaução, bateu com o cajado à volta da árvore para verificar se havia alguma coisa estranha, qualquer tipo de bicho que o pudesse incomodar ou atacar e por pouca sorte apareceram enormes formigas que ali habitavam, acabando-se a esperança de um pouco de encosto e conforto.

Perante esta situação, constatou que estava completamente perdido na noite, sem alternativas melhores e ninguém o podia socorrer, apenas ele mesmo poderia se ajudar.

O frio não permitia que ficasse sentado no chão senão congelava, estava cheio de fome e sede e os pés muito doloridos mas não podia tirar as botas pois não poderia

calçá-las novamente devido ao inchaço dos pés e seria impossível depois andar naquele caminho pedregoso e espinhoso, então o que fazer?

Após estas reflexões, qual seria a melhor maneira para sobreviver a esta difícil situação tornando-a suportável até ao dia amanhecer e depois encontrar uma solução?

Em relação ao medo decidiu ficar de costas para a árvore sem encostar nela sentindo assim alguma proteção física e procurou relaxar a mente pois estava diante de fatos e nos instantes de perigo o instinto de defesa precisa fluir.

Quanto ao frio, resolveu manter o corpo em permanente movimento de ginástica, agitando-o no mesmo lugar, saltitando, abaixando-se e mexendo os braços, sempre agitando-se mesmo sentindo o desconforto dos pés mas desse modo mantinha o corpo quente, fundamental para a sua sobrevivência ali.

Em relação à fome e sede, procurou desligar estas sensações focando a mente para o espetáculo grandioso que estava pela primeira vez diante de si e que era aquele céu majestoso com a Via Láctea perfeitamente visível em sua dimensão e diante de seu olhar, estrada leitosa com suas constelações perfeitamente visíveis naquele horizonte noturno sem lua, uma floresta imensa de estrelas.

Este marujo acompanhou o nascimento, vida e morte de algumas constelações, estudando-as em seu percurso em relação à terra, viu a constelação "Cruzeiro-do-Sul" executar um círculo sobre si mesma orientando o sul do planeta como um marco.

A Via Láctea, qual estrada iluminada no céu em seu movimento espiral, seduzia a mente através do imaginário pulsando vida naqueles bilhões de pontos de luz

a refletirem o universo ao redor e o planeta terra na sua imensa pequenez, parte desta imensidão de vida.

As horas passaram diluídas nestas reflexões e naquele espetáculo real,

Apesar de passar a noite pulando e com sofrimento físico, a alma agradeceu aos céus àquele momento mágico, aquele privilégio que a vida oferecia, único.

A noite se esvaiu rápida e aconteceu o nascer da luz do sol, ali, no alto daquela montanha.

O horizonte cobriu-se de luz refletindo a chegada do sol àquele ponto da terra e havia emoção.

E veio a vontade de descobrir algum lugar que servisse de porto seguro para descansar o corpo.

Quando clareou o bastante, ao longe, quilômetros abaixo, havia um pequeno ponto branco supostamente o lar de algum camponês.

Lentamente, apoiado no cajado, andando de lado foi descendo a montanha em curvas e contra-curvas, aproveitando os relevos das encostas e das forças físicas que restavam.

Após algumas horas descendo a ladeira íngreme, aproximou-se daquele ponto branco que vira ao longe e constatou ser a casa de um camponês e pediu ajuda.

Indicaram-lhe a casa de seu Geraldinho que podia ajudar certamente e ficava logo ali.

Mancando, chegou à casa dele mas no caminho encontrou uma vaca ferida e sangrando denotando que fora atacada de noite por alguma onça.

Chamavam àquele lugar de Fragália e o nome da região é Serra Negra.

Muito bem recebido pelo sr. Geraldinho e família e convenientemente alimentado e socorrido pois estes camponeses são seres muito gentis e prestativos no acolhimento a estranhos e possuem um espírito comunitário forte.

Após duas horas de descanso, seu Geraldinho orientou seu filho Alair para que levasse este marujo montado num cavalo até à pousada "Tiatiaim" de onde partira no dia anterior.

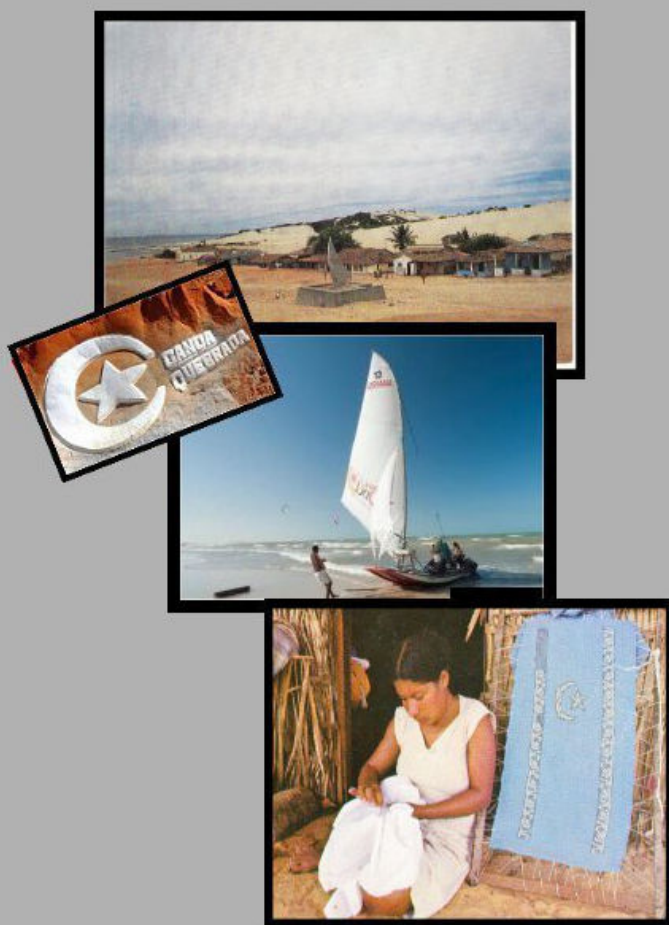
Subiu a pé com o Alair algumas centenas de metros pela montanha que ficava atrás da casa ao encontro dos cavalos que os iam transportar, montaram e seguiram por entre serras e florestas, por trilhas, durante seis horas até chegarem ao destino de onde tinha iniciado esta aventura.

A ausência deste marujo tinha sido notada e provocou algum alvoroço na região, tendo alguns moradores passado a noite subindo e descendo o Rio Preto à sua procura mas o desânimo era geral e foi com alegria e festa que perceberam sua chegada junto com o Alair, são e salvo.

Pediu desculpas pelo transtorno que causou, seu corpo foi imediatamente cuidado e sua mente estava contente.

Tinha sido um mal que viera para seu bem pois só assim pode experimentar uma realidade que de outro modo talvez nunca tivesse a oportunidade de desfrutar, seguindo o conselho do poeta maior luso "tudo vale a pena se a alma não é pequena".

(Homenagem a um cristal)



CANOA-QUEBRADA - DESCOBRINDO UM PARAÍSO NO CEARÁ - BRASIL

Sua bandeira é uma lua crescente com uma estrela no interior.

Localiza-se no Estado do Ceará, nordeste do Brasil, não muito longe da capital Fortaleza, com quilômetros longos de praias, dunas, coqueirais, num belo recanto do planeta.

"Canoa-Quebrada" é uma pequena vila de pescadores fundada à mais de trezentos anos por alguns escravos fugidos de "seus senhores" e por índios.

Ali, longe da civilização urbana, misturados com os índios, estes seres humanos libertaram-se do jugo colonial e encontraram seu paraíso.

O nome deste lugar nasceu depois, quando uma embarcação holandesa no século dezoito quebrou-se nos recifes existentes perto da praia e foi parar na areia tornando-se atração para aqueles que moravam nas redondezas e que diziam: "vamos visitar a canoa quebrada na praia".

Assim nasceu o nome deste belo lugar.

Esta vila ainda mantém a originalidade peculiar a uma aldeia de pescadores no Brasil e divide-se claramente em três áreas e cada uma com suas características bem demarcadas e próprias: Centro, Lado Leste e Lado Oeste.

Na área central ou centro, existe uma rua principal com uns quinhentos metros de comprimento,

com talvez umas trezentas casas ao redor, muitas das casas com paredes de barro e telhados feitos com ramagem dos coqueiros, a maioria de seus habitantes dorme em redes penduradas em ganchos nas paredes dos quartos simples e dorme-se bem nestas redes depois que se aprende qual a posição correta de dormir.

As ruas são arborizadas e cheias de sombra com figueiras e coqueiros, com restaurantes simples e lojas de artesanato, morando ali cerca de mil indígenas, povo moreno, belo, forte e sensual, de olhar transparente e profundo, amigos de quem os sabe respeitar.

Aqui nesta parte da vila se hospedam a maior parte da população flutuante de turistas vindos de muitas regiões do Brasil e do mundo, Alemanha, França, Argentina, Itália, Portugal, etc... gente que vem para ficar apenas alguns dias e por vezes acabam ficando meses e até anos e alguns se fixam ali de vez.

Durante os dias solarentos, as praias extensas e com seus pescadores artesanais em jangadas pequenas à vela atraem com sua beleza os que ali moram ou passeiam naquele belo mar com recifes, ricos de alimento.

Nos finais de semana à noite e até durante a semana, nos bailes denominados "Forrós" tocam as músicas do lugar com danças de muito gingado e sensualidade, movimentando-se até de madrugada e gentes de todos os lugares se trocam e se tocam harmoniosamente em belos encantos.

A Oeste desta vila, há extensões imensas de dunas e praias com suas areias muito claras e límpidas, semelhantes a desertos com oásis esculpidos pelas chuvas.

Em alguns destes lugares, as areias são coloridas com diversos tons, existem poucas casas e a vida é bem rústica e ali moram alguns indígenas e mais alguns poucos estrangeiros alternativos atraídos por tanta beleza, vivendo ao redor de alguns desses oásis de águas doces, plantam coqueiros ao redor de suas casas simples e dormem em redes.

Num destes oásis vive seu Chico Relâmpago, apelido de um pescador com uns oitenta anos de idade e que ali mora sozinho e tranquilo em cuja placa à entrada de sua casa se lê: "Casa da Paz".

Quem ali chega em paz assim é recebido, caso contrário não, divide os cocos de seus coqueiros, seu alimento, com os visitantes, a água de seu beber vem de um poço ao lado de sua casa puxada por uma bomba manual e os ovos que come são de suas galinhas que por ali ciscam.

Em uma de suas refeições, seu Chico Relâmpago perguntou em seu jeito simples e sábio, por quê agora está vindo tanta gente da cidade grande para "Canoa- Quebrada"?

A resposta só podia ser: exatamente à procura daquilo que o senhor possui em abundância ali e que se denomina paz de espírito.

Quando visitamos seu Chico Relâmpago pela segunda vez, encontrou-se um casal de jovens, seus sobrinhos, ela chamada de Bonnie e ele de Valdo, que o visitavam também.

Ele, Valdo, filho da terra e de pescadores, de uns vinte e cinco anos de idade, ela Bonnie de uns vinte e dois anos, loira, nascida ao sul do Brasil e de família economicamente estável.

Ela antes de chegar àquela região, tinha vivido em uma aldeia original de índios, na Amazônia, durante algum tempo.

Os índios originais normalmente não permitem um contato direto com seu modo de viver e é necessário uma aproximação cautelosa e lenta até permitirem um contato.

Na fisionomia de Bonnie, apesar de ter nascido numa cidade, notavam-se traços de uma índia e sentia-se em seu "modus vivendi" semelhanças com a vida dos índios originais.

Ele, Valdo, filho de Canoa-Quebrada, dono de um pequeno bar na praia, em sociedade com seu irmão, pescador também, eram pessoas fortes e belas, orgulhosos de sua ascendência, de poucas palavras e gestos gentis e alegres, olhares transparentes e assemelhavam-se muito com seu Chico Relâmpago em seus modos simples de serem.

O irmão de Valdo vive com uma bela companheira suíça, de uns vinte e cinco anos de idade e que um dia visitou aquela vila e se apaixonou pelo lugar e nunca mais saiu e ali encontrou sua alma gêmea e seu lar.

Naquele lado da vila, Lado Oeste, as dunas são obras de arte divinas, eternas em seus ondulados movimentos de areias esculpidas pelos ventos não muito fortes, formando piscinas naturais transparentes, convidando a mergulhos em suas águas cristalinas cor esmeralda.

O sol com sua luz resplandecente convida à meditação, ali perto em alguns lagos com suas águas menos profundas e extensas e alguma vegetação, cantam coloridos pássaros, gaivotas e outras aves, em sinfonias de orquestras naturais encantando com seus sons quem os escuta em comunhão.

No Lado Leste da vila, formado também por longas extensões de praias, encontram-se as casas que constituíram a primeira aldeia de pescadores, com talvez umas quarenta casas, umas de barro e palha e outras já com tijolos, com pequenos cercados à volta feitos com galhos de árvores.

Dentro desses cercados planta-se milho, feijão, mandioca, melancia, etc. e ali vivem pescadores que mantêm uma vida simples pescando e plantando e agora também alugam quartos a visitantes que ali chegam como turistas.

Naquele lugar vivem o pescador Luciano e sua companheira Maria, mãe de dois filhos, dona de casa e presidente da Associação dos Moradores de Canoa Quebrada.

Fazem parte da família Esteves, fundadores desta Vila e os olhares deles refletem a beleza de pessoas harmoniosas, preferem a vida simples da troca de gentilezas, que para eles é mais importante do que qualquer ganho econômico.

E quem chega a esta terra com um espírito respeitoso, logo é seduzido por tão bela forma de ser, sensual e prazerosa, aonde há liberdade é respeito e estes pescadores têm uma consciência profunda sobre sua forma de vida e não a querem perder mesmo sabendo que a urbanização humana um dia ali vai chegar e poderá até destruir aquele modo de vida se não houver muito cuidado e consciência.



PESCADORES DE "CANOA-QUEBRADA"

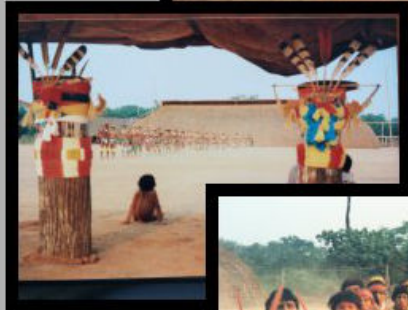
Navegam frágeis jangadas
mar adentro profundo,
céu encrespado ou não,
velas grandes enfunadas.

Mente e olhar atento,
puxam ou lançam redes,
sentem no fundo do mar
o peixe seu alimento.

Dia a dia vão pescar,
cesta cheia ou vazia
voltam fortes e amigos,
meigos em seu olhar.

Lá vêm ao longe,
remo à popa gingando,
em toque de comando
no sol do horizonte.

(Homenagem a uma Orquídea - Geiza D`Oliveira)



HOMENAGEM AOS POVOS DA FLORESTA

UMA VIAGEM AO "ALTO XINGU" - BRASIL CONTINENTAL

Conhecer pessoalmente uma aldeia pertencente às Nações Indígenas do "Alto Xingu" no noroeste do Brasil e junto à floresta Amazônia é um privilégio acessível a poucos, pois é bastante difícil poder e ser autorizado a chegar lá.

Só contatando diretamente com algum dos índios responsáveis da aldeia que se pretende visitar e com autorização da "FUNAI", Instituição Estatal sediada em Brasília que controla as nações indígenas no Brasil, e possível organizar essa viagem que já de si é difícil devido à localização geográfica das mesmas no interior das florestas brasileiras e às condições de vida local, totalmente diferentes da vida urbana.

Viajando de carro a partir do Rio de Janeiro, são precisos quatro dias para atravessar dois mil e trezentos quilômetros e chegar à Serra do Roncador no Estado de Mato Grosso e esta viagem é como atravessar a Europa desde Portugal até quase a Alemanha.

Após viajar dois mil quilômetros a partir do Rio de Janeiro, encontra-se a cidade de "Canarana" antes de se chegar à vila denominada "Gaúcha do Norte" à beira do rio "Curisevo" que atravessa o Alto Xingu.

A partir deste ponto só, é possível viajar em pequenos barcos a motor, manobrados por índios e quem se aventurar a viajar por estes lugares sem autorização e acompanhamento destes índios está sujeito a graves sanções.

Houve um grupo de aventureiros da cidade que tentou navegar por estes rios com o apoio financeiro de uma empresa bem conhecida no Brasil, mas sem autorização dos responsáveis indígenas mas logo que foram descobertos pelos índios foram presos, despidos de suas roupas e pertences e de seus barcos e expulsos com violência da região.

São necessárias seis horas subindo o rio Curisevo para se encontrar a aldeia "Imihinako", cujo cacique se chama "Jumuin", aonde vivem cerca de 150 índios entre homens, mulheres e crianças e umas quinze "ocas", casas tipo jangos feitas de troncos fortes e capim, mas que suportam perfeitamente qualquer temporal sem cair uma gota de água dentro delas, localizadas ao redor de um terreiro com duzentos metros de diâmetro formando a aldeia e por detrás das casas distanciadas uns cinquenta metros há a floresta nativa.

Os índios dormem em redes penduradas nos troncos das ocas e ainda o dia não nasceu e cada um deles, os mais velhos e mulheres junto com as crianças, fazem uma pequena fogueira ao lado da rede para se aquecerem e iniciarem o dia.

Os homens adultos, de madrugada se não chover, fazem uma fogueira no centro do terreiro aonde se aquecem e vibram suas flautas iniciando mais um dia de caça e pesca para alimentar a todos na tribo.

A aldeia fica a um quilometro de distância do rio e diariamente há rituais de danças festivas.

O espaço da aldeia é totalmente limpo e não existem lixos nem qualquer outro foco de doenças e dentro das casas há higiene completa, a água que bebem é trazida do rio em panelas e cabaças, diariamente, e constantemente todos tomam banho no rio de águas puras e cristalinas.

Dia a dia os homens vão pescar e caçar e as mulheres cuidam das crianças e preparam a mandioca e não têm desperdício de alimentos.

A alimentação básica é constituída de carne de peixe ou algum outro animal, frutas da floresta, mandioca torrada

perfeitamente uma vida saudável e harmoniosa em total equilíbrio ecológico e social.

A vida social numa aldeia indígena é um livro totalmente aberto e todos têm conhecimento de tudo o que ali se passa, num viver totalmente transparente.

A vida cultural fundamenta-se no sustento do dia a dia e mais as informações necessárias e suficientes para uma harmonia diária e não infeliz e tanto é assim que a liderança da tribo pertence ao mais velho e este não manda, apenas aconselha nas situações que exigem sua participação e sua opinião.

Hoje em dia algumas dessas tribos já utilizam a televisão usando a energia solar não poluente pois a informação global tornou-se uma necessidade cultural premente para diminuir o abismo cultural com os povos urbanos e possam de algum modo defender-se da invasão urbana mesmo havendo riscos de aculturação de valores menos nobres e estes podem ser evitados através de uma educação mais atenta.

O povo desta aldeia organizou em 1997 a festa do "Guarupe" em homenagem a alguns de seus parentes mortos nos anos anteriores e só após estes rituais os espíritos dos mortos descansam definitivamente em paz.

Estas festas do "Guarupe" são realizadas sempre de anos em anos de acordo com a quantidade de falecidos na aldeia e acontece durante alguns dias com danças ao som das flautas com um metro de comprimento e são convidadas algumas das aldeias que vivem próximas mas estas só aparecem no ultimo dia para as lutas entre os guerreiros mais fortes destas tribos, ao fim das quais regressam às suas aldeias.

É uma comemoração simples, bonita e cheia de espiritualidade e respeito.

Esta aldeia convidou os povos "Iaolapitchi", "Cuicuru", "Calapalu" e "Nakkua" que viviam naquela região para a festa do Guarupe.

Durante a festa e um dia antes das aldeias convidadas comparecerem para as lutas é organizada uma grande pescaria para que não falte alimento aos visitantes.

Os índios quando não têm visitantes urbanos na aldeia andam nus mas quando recebem visitas da cidade vestem calções e as mulheres também vestem algum tipo de roupa em acordo com a civilização urbana.

Nesta festa do Guarupe foi permitida a presença de algumas pessoas da civilização urbana sendo dois alemães, três japoneses e seis brasileiros e o autor desta crônica e todos dormiram em redes na casa do cacique, comiam peixe pescado pelos índios e pão feito de mandioca e viveram integralmente ali durante dez dias até ao término da festa.

Os cidadãos urbanos mais atentos e que ali chegaram para aprender outros modos de vida, conseguem ter uma visão antropológica desta sociedade indígena e seu modo de viver em equilíbrio com a natureza e em equilíbrio social.

Durante a festa, enquanto as aldeias convidadas não vêm, os homens da tribo diariamente vão pescar e caçar para se alimentarem.

As mulheres cuidam da casa, das crianças e preparam os alimentos.

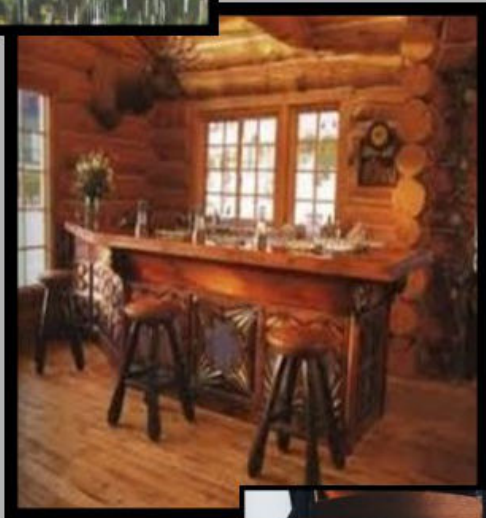
De manhã e ao anoitecer, os homens e mulheres dançam e os homens tocam suas flautas compridas entrando e saindo das ocas e à noite acendem fogueiras à volta das quais se reúnem e confabulam entre si e tocam músicas nas flautas.

Este é o ritual até ao último dia quando as aldeias convidadas aparecem para as lutas e convívios.

As lutas acontecem entre os guerreiros das tribos e ao final todos se abraçam e vão alimentar-se.

Após estes dez dias de festa, termina o Guarupe e em seguida as tribos convidadas se retiram para as suas aldeias e os convidados urbanos, no dia seguinte, também voltam para suas cidades, após despedidas bastante afetuosas.

(Homenagem a uma pétala - Elizabeth Bernstein)



O CAFÉ DO ACONCHEGO - BRASIL

Lá fora na rua a chuva vai caindo
regando a terra sedenta amante.
Felina, a noite ecoa nos tambores
de mil cânticos e colorido alegreto.

Refresca a hora na brisa a passar
em noite vestida de vinho maduro.
O luar estrelado etéreo envolvendo,
o cristal do cálice, um Porto ...
uma lareira e um fogo.. ardendo.

Ao redor neste vale de montanhas,
os pirilampos aos milhares vagueiam
piscando, estrelas cadentes
iluminando a alma .

No ar um aroma,
um café perfumando.
E as sereias semeiam
serenando ânimos.

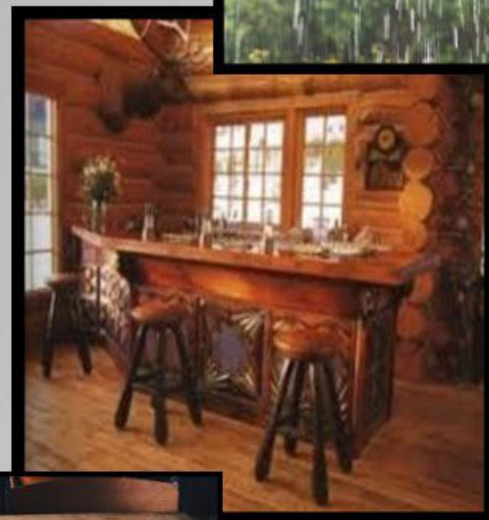
E brota em mim
Pessoa e outros
africanos de alma e mente,
pensadores... "tudo vale a "pena"
se a alma não é pequena" (*)

(*) FERNANDO PESSOA

" É bonita a festa, pá! " (**)
Estou contente
ainda moro renitente
num cantinho de jasmim.

E nasce um convívio
reconciliado, aconchegando
à volta de um café bem quente
aquecendo e unindo
nesta savana brasileira.

(**) Chico Buarque



AUTOBIOGRAFIA

VALDEMAR FERREIRA RIBEIRO

EVOLUÇÃO PELA EDUCAÇÃO: PORTUGAL, ANGOLA, BRASIL

**PROFESSOR
AMBIENTALISTA
ECONOMISTA
EMPRESÁRIO INDUSTRIAL**

OBJETIVO DE VIDA:

"C P L P" - COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA

"S A D C" - COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

ATITUDE

prudente otimista, positiva, pragmática, cética

A minha Pátria é a língua portuguesa (F.P.)

A minha Pátria são as línguas e as culturas que nos unem (VFR)

PENSADORES CONTEMPORÂNEOS E OUTROS

**JIDDU KRISHNAMURTI
AGOSTINHO DA SILVA
NELSON MANDELA
STEPHEN HAWKING
FERNANDO PESSOA
LUIS DE CAMÕES
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Todos os direitos desta edição reservados à

Valdemar F. Ribeiro

Para acessar o site do autor
clique na imagem abaixo:

Site de Valdemar Ferreira Ribeiro



Este E-book está protegido pela
Lei Brasileira de Direitos Autorais
aprovada em 19 de fevereiro de 1998

A responsabilidade
pelos textos, música e imagens
é exclusivamente do escritor.

Autor :
Valdemar F. Ribeiro

Revisão dos textos:
Valdemar F. Ribeiro

PROJETO GRÁFICO e
Edição em E-BOOK

Kate Weiss E-book Designer _
Brasil

Esta obra está sob uma Licença Creative Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde
que seja dado crédito aos autores originais - *Não é*
permitido modificar esta obra Você não pode fazer
uso comercial desta obra. Você não pode criar obras
derivadas.



Fechar o livro



Voltar à Capa

